

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**RAFAEL DORNELES NEVES**

**ESFEROLOGIA E O NÃO-LUGAR: PELO ENCONTRO HUMANO  
ANTES DO ENCONTRO PSIQUIÁTRICO**

Santa Maria, RS

2023

**Rafael Dorneles Neves**

**ESFEROLOGIA E O NÃO-LUGAR: PELO ENCONTRO HUMANO ANTES DO  
ENCONTRO PSIQUIÁTRICO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito final de  
aprovação no componente curricular  
Trabalho de Conclusão do Curso II (TCC II),  
do Curso de Graduação em Psicologia, da  
Universidade Federal de Santa Maria.

Orientadora: Profa. Dra. Marcele Pereira da Rosa Zucolotto

Santa Maria, RS

2023

**Rafael Dorneles Neves**

**ESFEROLOGIA E O NÃO-LUGAR: PELO ENCONTRO HUMANO ANTES DO  
ENCONTRO PSIQUIÁTRICO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito final de  
aprovação no componente curricular  
Trabalho de Conclusão do Curso II (TCC II),  
do Curso de Graduação em Psicologia, da  
Universidade Federal de Santa Maria.

**Aprovado em: 14 de dezembro**

---

**Marcele Pereira da Rosa Zucolotto, Professora Psicóloga (UFSM)**  
(Orientadora)

---

**Adriana Barin de Azevedo, Professora Psicóloga (UEM)**

---

**Pedro Igor Almeida Araújo, Doutorando em Filosofia (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2023

## RESUMO

### ESFEROLOGIA E O NÃO-LUGAR: PELO ENCONTRO HUMANO ANTES DO ENCONTRO PSIQUIÁTRICO

AUTOR: Rafael Dorneles Neves

ORIENTADORA: Marcele Pereira da Rosa Zucolotto

Como chegamos ao mundo e como nos convencemos do conveniente de se instalar em seu interior e ter uma vida? Sob que condições um ser humano floresce e vem ao mundo ou fracassa e fica detido em espaços infernais? E de que modo essas perguntas podem remeter a um problema que pode ser abordado pela psicologia, especificamente no campo clínico onde percebemos cada vez mais uma prática que tende a se dobrar perante a teoria ao invés de dar prioridade para o sujeito, aderindo, antes de tudo, uma primazia do cuidado? O presente trabalho visou responder a essas perguntas apresentando a experiência de sofrimento de alguém que não conseguiu se convencer das vantagens de ter nascido, mas pelo contrário, enxerga o próprio nascer como uma inconveniência. Buscamos entender as complexas dimensões dessa experiência existencial, indo além do raciocínio diagnóstico superficial e reducionista, analisando-a através de uma lente filosófica, psicológica e antropológica, explicitando as dimensões dessa experiência existencial e a tematizando dentro de um personagem construído com base nos relatos e testemunhos do autor brasileiro Juliano Garcia Pessanha. Inspirados nas reflexões de Pessanha em conjunto com Peter Sloterdijk, investigamos os processos formativos de construção do *Self* e adentramento no mundo, assim como os desajustes que nesse processo podem levar a um estado de ruptura existencial como este. Além de apresentar as articulações realizadas por Juliano Pessanha com filósofo alemão, o texto também passa pela ponte que o filósofo brasileiro faz entre a (micro)esferologia sloterdijkiana e a psicanálise de Donald Winnicott, arriscando contribuições para a prática clínica contemporânea nas intervenções desses casos. Este trabalho, portanto, leva em consideração que a forma de ser afetado difere de sujeito para sujeito e o repertório dos sentimentos que temos é herança de nossa história e de como fomos acolhidos no mundo. Assim sendo, apostamos que entender como foi que aprendemos a sentir, nas nossas primeiras experiências, pode ajudar a entender e melhorar nosso jeito de reagir a vida na sua acontecência.

**Palavras-chave:** Juliano Pessanha. Peter Sloterdijk. Esferas. Self. Clínica.

## ABSTRACT

### SPHEROLOGY AND THE NON-PLACE: PURSUING HUMAN ENCOUNTER PIOR TO PSYCHIATRIC ENCOUNTER

AUTHOR: Rafael Dorneles Neves

SUPERVISOR: Marcele Pereira da Rosa Zucolotto

How do we come into the world, and how do we convince ourselves of the convenience of settling within it and leading a life? Under what conditions does a human being flourish and come into the world, or fail and remain trapped in infernal spaces? And how do these questions relate to a problem that can be addressed by psychology, specifically in the clinical field, where we increasingly observe a practice that tends to bend to theory rather than prioritizing the subject, adhering, above all, to a primacy of care? This work aimed to answer these questions by presenting the experience of suffering of someone who could not convince themselves of the advantages of being born but, on the contrary, sees their own birth as an inconvenience. We sought to understand the complex dimensions of this existential experience, going beyond superficial and reductionist diagnostic reasoning, analyzing it through a philosophical, psychological, and anthropological lens, explicating the dimensions of this existential experience and thematizing it within an aesthetic character constructed based on the accounts and testimonies of the Brazilian author Juliano Garcia Pessanha. Inspired by Pessanha's reflections in conjunction with Peter Sloterdijk, we investigated the formative processes of Self construction and entry into the world, as well as the disjunctions that can lead to a state of existential rupture in this process. In addition to presenting the articulations made by Juliano Pessanha with the German philosopher, the text also bridges the gap that the Brazilian philosopher creates between (micro)spherology in Sloterdijk and the psychoanalysis of Donald Winnicott, venturing contributions to contemporary clinical practice in interventions for such cases. This work, therefore, takes into account that the way of being affected differs from subject to subject, and the repertoire of feelings we have is an inheritance from our history and how we were welcomed into the world. Therefore, we believe that understanding how we learned to feel in our early experiences can help understand and improve our way of reacting to life in its occurrence.

**Keywords:** Juliano Pessanha. Peter Sloterdijk. Spheres. Self. Clinical.

## SUMÁRIO

<b>1.INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>2.REGIÕES ONTOTOPOLÓGICAS: DENTRO, FORA E ENTRE</b>	<b>10</b>
2.2 Prólogo	10
2.3 Ruptura E Desmoronamento	11
<b>3.ESPERANÇA DA RECUSA</b>	<b>21</b>
<b>4.HOSPITALIDADE E CUIDADO</b>	<b>25</b>
<b>5.AS (MICRO)ESFERAS</b>	<b>27</b>
<b>6.ESFEROLOGIA E CLÍNICA</b>	<b>30</b>
6.2 Epílogo	38
<b>7.CONCLUSÕES FINAIS</b>	<b>39</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>41</b>

Para meu aliado-avô, pelo véu do acolhimento, pelas risadas e os sopros de coragem.

## 1. INTRODUÇÃO

“Somos máquinas viajantes à procura da loucura de um lar”.

Paulo “Paulão” Bortolotto

“Ele faria da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro”.

Fernando Sabino – Encontro Marcado

Como chegamos ao mundo e como nos convencemos do conveniente de se instalar em seu interior e ter uma vida? Sob que condições um ser humano floresce e vem ao mundo ou fracassa e fica detido em espaços infernais (PESSANHA, 2018e)? E de que modo essas perguntas podem remeter a um problema que pode ser abordado pela psicologia, especificamente no campo clínico onde percebemos cada vez mais o exercício de uma prática que tende a se dobrar perante as teorias ao invés de dar prioridade para o sujeito, aderindo, antes de tudo, uma primazia do cuidado?

O presente trabalho visa responder a essas perguntas apresentando a experiência de sofrimento de alguém que não conseguiu se convencer das vantagens de ter nascido, mas pelo contrário, enxerga o próprio nascer como uma inconveniência. De forma reduzida, sob uma lógica biomédica e patologizante, essa experiência talvez fosse circunscrita e esquadrinhada dentro do diagnóstico de transtorno depressivo maior. Contudo, aqui, busca-se explicitar de forma mais complexa e abrangente aquilo que conforma essa condição que chamaremos de ânimo depressivo-melancólico (SLOTERDIJK, 2016), já que o diagnóstico, por vezes, não passa de um “ladrão de nome e da morte das pessoas” (PESSANHA, 2018e, p. 24), que sequestra e delimita a vida no campo da patologia. Para tanto, nosso trabalho busca entender as complexas dimensões dessa experiência existencial, analisando-a através de uma lente filosófica, psicológica e antropológica, buscando explicitar as dimensões dessa experiência existencial, tematizando-a dentro de um personagem enquanto figura estética que a(o) leitora(o) conhecerá ao longo do trabalho. E inspirados nas reflexões de autores como Juliano Garcia Pessanha e Peter Sloterdijk, investigaremos os processos formativos de construção do *Self* e adentramento no mundo, bem como os desajustes nesse processo podem levar a um estado de ruptura existencial.

O personagem aqui trabalhado foi inspirado nos testemunhos pessoais do autor Juliano Garcia Pessanha, uma vez que o próprio guarda em si a dupla experiência de um ser que se situava na posição do desalojado e sem lugar no mundo, residente do Fora e desamparado na exterioridade e que, em suas últimas obras, oferece o testemunho de seus primeiros passos para efetuar um atravessamento para o lado de Dentro, ensaiando pensamentos ontotopológicos que buscaram esclarecer as passagens e deslocamentos de um lugar a outro, de um lado a outro de dimensões da experiência. Diz-se, então, de uma posição intermediária (o entre) referida como fenda ou umbral, que avalia a inserção (o dentro) a partir da exclusão (o fora) (TREVISAN, 2020). Em “Recusa do Não-lugar” (2018a), sua penúltima obra, Juliano “trata da determinação existencial e do anseio de se ter um “eu” (p. 11), incorporando a filosofia de Peter Sloterdijk e armando-se com um repertório adequado para pensar positivamente, onde dá sequência ao pensamento ontotopológico e efetua seu próprio deslocamento para o Dentro, da exclusão para a inclusão, do êxtimo ao íntimo.

A inspiração resultou no desenvolvimento de um personagem que também nos oferece o relato do um trânsito de um ser humano que por certo tempo guardou uma relação intensiva com a exterioridade, com o não pertencimento e a falta de um eu, mas que caminhará na direção de um adentramento progressivo no mundo e na produção de um si mesmo. Assim como aconteceu com Juliano, é o encontro com a obra de Sloterdijk e sua noção de antropogênese desenvolvida no livro “Esferas I: Bolhas”, que busca explicitar, nos termos de uma filosofia antropológica, como um sujeito adentra o mundo, que o personagem também fará sua travessia. Conforme explica Juliano, leitor de Sloterdijk,

adentrar o mundo é ter preenchimento, é abandonar a zona oca do recém-nascido para receber a companhia e a visita de hóspedes duradouros. Há preenchimento quando há identificação com o mundo e introjeção do mundo. Nas palavras de Sloterdijk em Esferas I, “quando um bebê aporta neste mundo e se convence do conveniente de ter nascido, da vantagem de ter nascido porque encontra hospitalidade” (PESSANHA, 2018, p. 30; SLOTERDIJK, 2016, p. 88).

Como veremos no decorrer do texto, a microesferologia, matéria central no livro de Sloterdijk, trata de um procedimento incondicional no tornar-se humano e aquele que não pode adentrar favoravelmente nesses processos formativos, como se observará ser a realidade da personagem, definha e aborta de susto, tornando-se

aquilo que com Pessanha (2018e) denominamos oco-abismal ou ser da ruptura, um sujeito rasgado (na exterioridade) e em constante desmoronamento.

Além de apresentar as articulações realizadas por Juliano Pessanha com o filósofo alemão, o texto também passa pela ponte que o filósofo brasileiro faz entre a microesferologia e a psicanálise de Donald Winnicott, arriscando contribuições para a prática clínica contemporânea. A psicanálise Winnicottiana, conforme observa Pessanha (2018e), que pensa junto do aparato conceitual de Sloterdijk, se desdobra na retomada do vir-a-ser e do amadurecimento do sujeito lá onde este foi interrompido pelos desajustes com as alianças complementadoras nos ambientes que foram insuficientes para a organização do sujeito por vir. Observando que, em determinados casos, é lá onde estancou a continuidade que surgem as organizações defensivas e as patologias.

A forma de ser afetado difere de sujeito para sujeito e o repertório dos sentimentos que temos é herança de nossa história e de como fomos acolhidos no mundo. Assim sendo, apostamos que entender como foi que aprendemos a sentir, nas nossas primeiras experiências, pode nos ajudar a entender e melhorar nosso jeito de reagir a vida em seu acontecer.

## 2. REGIÕES ONTOTOPOLÓGICAS: DENTRO, FORA E ENTRE

### 2.2 Prólogo

Lá, dentro-do-mundo, ele apenas encenava a forma humana, a interioridade e o exercício da vida. Mas na verdade era um ser rasgado pelo *Real*, atravessado por essa pura *exterioridade*, o inefável, o furo que oblitera os sentidos e denuncia a posição de desamparo<sup>1</sup>. E ele sem anteparos, não tinha proteções ou cercas; era todo vulnerável. Nu: em contato direto com o que pulsava (REZENDE, 2013). Ele não veio ao mundo através do doce amor de um casal apaixonado, sequer havia um casal para receber o rapaz no mundo. Ele veio na cauda do cometa. Era filho da fenda. Se convencia de que o nascer é uma inconveniência (CIORAN, 2010). E nesse início, ao invés de ser ocupado pelo leite materno que garantiria sustentação e preenchimento

---

<sup>1</sup> O desamparo neste sentido figura-se enquanto condição fundante do sujeito na matriz psicanalítica freudiana e lacaniana, isto é, onde a noção de falta (que ao longo do texto será proferida como “buraco”, “vazio” ou “oco”), é constitutiva e abrange a origem do sujeito. Essa acepção negativa de desamparo originário será aqui encarada como a região negativa habitada pelo personagem.

ao *infans*, ao sujeito em vias de *ser*, fez como outro rasgado chamado Antonin Artaud e vomitou o líquido branco. Ele não recebeu o bilhete de passagem para dentro do mundo das criaturas humanas e passou como um penetra pelas engrenagens daquelas

“duas máquinas com poderes suficientes para fazer mexer um homem. Tais máquinas vigorosas eram a história e a infância: a primeira garantia que os homens caíssem na grande armadilha dos significados e a segunda era aquela artimanha feita de emoções que os empurrava até a armadilha”. (PESSANHA, 2018a, p. 38)

Ele era rarefeito.

### 2.3 Ruptura e Desmoronamento

O rapaz caminhava sozinho na estação<sup>2</sup>, calado e, como de costume, perplexo. Tinha um olhar abismal. Olhava para os trens. Olhava os passageiros. Eles pareciam caminhar com a consciência de seus caminhos, enquanto ele era o passo bambo do equilibrista. Andavam em suas respectivas linhas, gravitados por elas e outros preenchimentos que constituem e conformam o si, aquilo que ele poderia supor ser constitutivo de uma *alma*. Seu tesouro perdido.

Tirou a carteira de cigarro do bolso e pensou: “como é que o tempo sabe passar e as pessoas conseguem fluir?” (PESSANHA, 2018a, p. 30). Guardou o cigarro no bolso sem perceber. Esquecia o que iria fazer. Estava disperso, deslocado. Escorrou-se na banca e olhou o jornal, mas só encarava o vazio. As palavras ficaram órfãs e a faculdade da leitura era insuficiente, então a rede de códigos de sua língua, inevitavelmente incorporadas para forjar uma vida entre os humanos, também eram insuficientes. Como poderia explicitar-se naquela posição? Não sabia. Contudo, na maior parte do tempo, lograva sucesso ao imitar essas criaturas, desenvolveu a habilidade de improvisar presenças e vestir a máscara-Eu. Embora, às vezes desconfiava de que habitava um corpo. Não sabia se tinha ou não um corpo seu. Se possuía ou era possuído. Corpo esse que facilmente desfalecia e doía. O fato é que habitava uma ferida. Era tão de dentro dessa ferida que ela o preenchia, confundia-se com ela.

---

<sup>2</sup> O cenário aqui apresentado, assim como o último parágrafo desta seção, foram inspirados na letra da canção “A Resposta” de autoria de Vitor Ramil.

Mesmo que lhe faltasse o repertório adequado e as bases para desempenhar atribuições para operar no mundo efetivo, o rapaz sabia partilhar o tempo com os humanos. Foram anos de estudo minucioso. Desde pequeno aprendeu as vozes e os gestos das criaturas. Adquiriu a habilidade de mimetizar seus repertórios, mas nem sempre sustentava o disfarce. Enquanto simulava sua existência cotidiana carregava consigo o medo constante de ser pego em flagrante, desmascarado na sua inexistência, pois “sabia falar do mais profundo e do mais elevado, mas não sabia do rés do chão” (REZENDE, 2013, p. 36). Era uma gigante incógnita e um insolúvel enigma para si mesmo.

Embora soubesse onde estava, sentia-se perdido a maior parte do tempo. Naquele momento ele estava absorto em seus pensamentos quando teve a atenção convocada para presenciar a fuga de um homem que corria de um guarda. Notou que algumas pessoas ficaram tão interessadas no evento que corriam atrás para não perder o desfecho da fuga. Perguntava-se por que os transeuntes sorriam e torciam, fosse para o fugitivo ou para o guarda, enquanto ele era tomado pela apreensão e pelo medo. Antes que pudesse entrar na cabine do trem, o homem foi capturado. Uma pequena multidão crescia em torno dos dois homens. O rapaz já não tinha visão do que estava acontecendo. Sequer cogitou acompanhar aquela trama. Ter sido forçado pela contingência a prestigiar aquela ocorrência já tinha sido suficiente para devolver o rapaz para a boca do abismo.

A cena o remeteu para os sonhos que tinha com certa recorrência. Os pesadelos, esses demônios malignos que o possuíam e lhe faziam companhia no pânico e na solidão das noites. O maior deles conserva uma estrutura que se repetia: era fugitivo, cometia alguma infração, pervertia alguma lei, era culpado por algo, mas não sabia nem do quê ou porquê. Regido por uma esmagadora consciência de culpa, tentava fugir, mas sentia-se incapaz e cogitava se render. Quanto maior lhe aparecia a proximidade de ser preso e privado da liberdade, mais engrandecia sua agonia. E no derradeiro momento em que se daria por vencido, acordava no grito.

Lembrou que seu antigo terapeuta, um Junguiano, disse que no dia a dia, situações que na maioria das vezes são corriqueiras e sem significado, podem encenar e realizar alguma situação de contexto do inconsciente. Naquele instante viu então a abertura de uma passagem em seu pensamento. Quis avançar na ideia, sem olhar para trás, sem parar, sem interromper, suspender sua consciência crítica e deixar desenrolar esse fluxo, mesmo que as ideias fossem toscas ou frágeis. Será

que agora poderia amarrar-se num sentido e criar algo consistente para si e gerar um saber que não fosse evaporar, que pudesse ser integrado antes que fosse capturado pelo seu ceticismo crônico?

Era comum que estivesse ausente nos sonhos que tentavam chegar até ele. Desconfiava que era intruso no sonho de um outro. Na noite anterior um pequeno sonho tinha tentado aproximação: *um cachorro preto de pelos encaracolados preso ao pé de uma árvore e ele sonhou ser seu focinho úmido*. Por outro lado, nos pesadelos demoníacos que o possuíam ele estava sempre lá, era o protagonista, quem sabe o próprio autor e roteirista. Mas o que aqueles sonhos queriam lhe dizer? Eram seus? Manifestavam-se nele? Às vezes o deixavam confuso por tamanha vivacidade. Iniciou o trabalho interpretativo, escavou esforçadamente cada elemento, por um instante quis crer em Freud e associou que os sonhos de angústia traduziam o medo que sentia das criaturas humanas. E que aqueles que o perseguiram, esses seres dotados de incríveis quantidades de *ser*, queriam expor sua miserável inexistência em praça pública. Seu crime: entrar com um bilhete falso para um mundo-lugar do qual não se sentia convidado. Tão logo começou a avançar nessa confecção de sentidos e significados e cometeu o assassinato das próprias ideias, foi o Judas de Freud e desinterpretou o sonho. Deu-se por conta de que aquele pesadelo sequer pertencia à virtualidade da dimensão onírica, mas sim à expressão da sua amarga experiência de tentar existir e fluir no interior daquilo que chamam pela palavra “dias”.

O rapaz se sentou e respirou profundamente, lamentando mais uma tentativa de chegada. Quando iria poder se ver afastado daquela rarefação que o constituía e bloqueava o acesso perdurante aos entes intra-mundanos? Aguardava o parto onde se abriria a luz para navegar na memória e caminhar no solo de uma biografia (a ele só era possível narrar-se no que se denomina heterotanatografia<sup>3</sup>). Suas palavras seriam encorpadas, estaria presente no seu dizer e pronunciaria discursos que não fossem mais vazios. Aprenderia a compartilhar experiências e no colo dos encontros ganharia seu *ser subjetivo*. Deixaria de ser uma criatura oca. Mas o garoto oco nunca tocava senão a superfície de qualquer experiência possível. Não era impregnável, se fosse um camaleão tomaria tons vermelhos onde a demanda é ser verde ou, até

---

<sup>3</sup> Heterotanatografia é o relato possível para aquele que nasceu para fora do mundo, sem consciência e apropriação de um lugar. É a escrita daquele que ficou sem eu e só pode sentir a vida como estranha a si próprio. Vocacionado para a morte e para a não-vida. É o contrário da autobiografia, essa escrita autônoma sobre uma vida tomada como própria.

mesmo, o que seria mais provável, falharia na função de tonalizar-se. Se conseguia mimetizar com sucesso a cor da criatura-humana, era apenas com a finalidade de sobrevivência cotidiana.

Afinal, o que provocou sua queda? E, sobretudo, o que possibilitaria seu voo? Naquele instante lembrou de quando era pequeno e teve a visita da angústia pela primeira vez. Desde aquele dia avizinhou-se dela e sempre buscava meios de explicitar sua aflição. Lembrava daqueles momentos. O corpinho trêmulo. O devaneio em solidão. Não confiava nos mais próximos para reivindicar algum cuidado. Não passavam de marionetes blindadas. Conseguia agora reter as impressões, dispozo daquele repertório intelectual teórico-psico-filosófico que aprendera na universidade que frequenta. Aquela instituição da competência e da técnica, da articulação e da eloquência, fábrica de formatação de bons alunos e dos futuros cidadãos-de-carreira, dos cidadãos-de-sucesso, do especialista-em-lacan ou do especialista-em-TDAH, dos detentores do saber-sobre-o-real e do afeto-angústia, do diagnóstico-depressão ou do diagnóstico transtorno-de-humor, da psicologia-baseada-em-evidências e da ciência no singular<sup>4</sup> (PESSANHA, 2018c).

Lembrava que, nessa mesma instituição, depois de sair de uma aula em que uma professora tentava convencer os alunos de que a eletroconvulsoterapia ainda era uma alternativa de tratamento para a loucura, sem a mínima sensibilidade por cada alma humana que experimentou na carne esse “tratamento”, essa “terapia”, sob a dominação e a crueldade do olho-*auschwitz* (PESSANHA, 2018c); foi até a biblioteca e buscou pelo amigo-Kafka, seu companheiro abismal, folheou algumas páginas do livro “Contemplação e O Foguista”(1999) e viu sua existência soletrada no aforismo “O Passageiro”,

Estou em pé na plataforma do bonde e totalmente inseguro em relação a minha posição neste mundo, nesta cidade, nesta família. Nem de passagem eu seria capaz de apontar as reivindicações que poderia fazer, com direito, na direção que fosse. Não posso de modo algum sustentar que estou nesta plataforma, que me seguro nesta alça, que me deixo transportar por este bonde, que as pessoas se desviam dele ou andam calmamente e param diante das vitrines. É claro que ninguém exige isso de mim, mas dá no mesmo.

O bonde se aproxima de uma parada. Uma jovem se coloca perto dos degraus para descer. Aparece tão nítida para mim que é como se eu a tivesse

---

<sup>4</sup> Essas menções podem ser também encaradas como menções para personagens que povoam o mundo psi. Personagens que representam um modo de pensar hegemônico e dominante dentro dos centros acadêmicos de psicologia. No texto, outros personagens são evocados, tais como o psicanalista ortodoxo e o “psicólogo-engenheiro”.

apalpado. Está vestida de preto, as pregas da saia quase não se movem, a blusa é justa e tem uma gola branca de renda fina, ela mantém a mão esquerda espalmada na parede do bonde e a sombrinha na mão direita se apoia no penúltimo degrau mais alto. Seu rosto é moreno, o nariz levemente amassado dos lados termina redondo e largo. Tem cabelos castanhos fartos e pelinhos esvoaçando na têmpora direita. Sua orelha pequena é bem ajustada, mas por estar próximo eu vejo toda a parte de trás da concha direita e a sombra da base.

Naquela ocasião eu me perguntei: como é que ela não está espantada consigo mesma, conserva a boca fechada e não diz coisas desse tipo? (KAFKA, 1999, p. 28-29)

Ao passo que transitava pelas ruínas da sua memória, deu-se conta que ainda segurava o jornal que pegara na banca. Tendo passado a vertigem já conseguia conectar algumas palavras aos seus significados e assim executar a competência humana de interpretação-de-texto. Na página aberta, um poema:

Pseudoeu

E cada lembrança que retenho na vã esperança  
de tocar a ponta dos rastros de um “eu”,

A trama da biografia se desfaz  
e volto para a noite onde pertencem  
os filhos do abismo.

Continuado na indeterminação,

Estrangeiro em si  
e errante neste exílio.

Nas mãos, nada mais do que  
fragmentos ilegíveis  
da possibilidade de um ter sido.

E no beijo do *Real* que me assombra  
dou abraços na interrogação que sou.

O poema lido já era conhecido dele, o autor publicou sob codinome RD. Suspeitava que era mais um rapaz oco-abismal. Provavelmente inspirava-se em Kafka e Fernando Pessoa, talvez conhecesse Juliano Pessanha e Renato Rezende, e também se avizinhou da psicanálise lacaniana e dos filósofos da suspeita, especialmente Friedrich Nietzsche e Michel Foucault.

Numa medida possível, a literatura operava no rapaz como função territorializante, conferindo algum pedaço de lugar, pois “a literatura se converte em religião para aquele que chegou ao limite do desposseimento da fala” (PESSANHA 2018a, p. 55). Ela até conseguia trazê-lo para dentro de enunciados que buscavam tematizar seu *sentimento existencial* (SLOTERDIJK, 2018). A formação acadêmica e o contato com autores da psicologia e da filosofia também lhe garantiram alguma bagagem de conhecimento para construir um lugar-mínimo.

Naquela mesma página do jornal, na sessão de poesias, ocasionalmente encontrou um poema em prosa do Juliano Garcia Pessanha. A poesia se chamava Exílio:

Com a cabeça pesada espero pelo impossível e a solidão é cada vez mais rigorosa. Sem estar atingido por nada, a única coisa que guardo é o saber deste exílio (entretanto, ele me atinge quebrado e eu não posso contê-lo). Repetido por hábitos doentes, sei que estou caído no cerne de uma duração infernal e, sem poder enxergar o contorno, meu fracasso se estende por todos os lados e sou devorado pelo que não é culpa minha. Esta lenta agonia aguarda por uma região de proximidade; um lugar onde eu pudesse dormir e acordar e que isso se desse dentro de um homogêneo-perdurante. (PESSANHA, 2018a, p. 53)

O próprio Juliano guarda em si a dupla experiência de alguém que se situa na posição do desalojado, habitante do Fora e desamparado na exterioridade. Em sua obra buscou dar cidadania e dignificação para o sujeito oco-abismal que mora no vazio (2018a, 2018b, 2018c). Contudo, o rapaz desconfiava dessa celebração do negativo que o autor realizava com a ajuda da filosofia de Martin Heidegger. Ressoava melhor com o jovem Juliano pré-heidegger e com o menino Kafka, agoniados com suas posições, na lenta espera de um encontro, buscando regiões de proximidade onde pudessem adquirir fisionomia e preenchimento, construir um eu que os faria prescindir da construção de “bonecos defensivos” para se mexerem nos dias (PESSANHA, 2018c, p. 233).

Ele ficou instigado com as poesias, lembrou que já ouvira Juliano dizer que “quando todas as outras prosas vão morrendo e se gastando, só a poesia pode nos acordar e reintroduzir-nos na vitalidade e na trama do tempo” (PESSANHA, 2018a, p. 55). Então devolveu o jornal e perguntou ao vendedor se naquela estante empoeirada tinha algum volume dos livros do Juliano Garcia Pessanha.

Anteriormente o autor já tinha ajudado o rapaz a dar alguns contornos a sua posição no mundo. Compreendeu que sua situação poderia ser apreendida em

termos ontotopológicos. Reconheceu que havia uma espécie de desajuste na sua conexão com o mundo, faltava-lhe a qualidade da presença. Percebia o seu redor, mas estava sempre em questão sobre o que é que confere proximidade e vizinhança ao que está próximo. O intermitente suplício de Tântalo. Ele era distante de tudo e tudo era distante dele, “desconhecia o traço da união e o segredo da aliança” (PESSANHA, 2018a, p. 63). Conforme explica Juliano, não se trata “da união entre um homem e alguma coisa, da aliança entre uma pessoa e outra, mas sim da ‘matriz transcendental’ das ligações, ou seja, daquilo que torna possível qualquer vínculo intramundano” (PESSANHA, 2018a, p. 63).

Pode-se imaginar os caminhos de uma dor: o perigo de uma ausência, o espanto de uma falta; mas seria isso perigoso? Afinal, se há um sofrimento de perder, há ainda um metasofrimento de quem não pode perder; e se há uma dor dentro do mundo, há ainda uma outra dor de quem toca os limites de fora (extramundano) (PESSANHA, 2018a, p. 64).

Para o rapaz, portanto, a questão era topológica e suas possibilidades giravam em torno dessas posições: *Dentro*, *Fora* e *Entre*. Suas lutas não pertenciam ao registro da vida intramundana (*Dentro*), elas eram travadas na margem, na fronteira dela (*Entre*). No *Fora* absoluto não há ninguém, não há sujeito. Nesse ponto não há sequer a possibilidade de um sujeito, ele permaneceria absolutamente desrealizado e sem entrar em cena. É mediante essa entrada em cena que se adere ao conjunto de significações intramundanas que operam como remessas de sentido e aparecem como um catálogo de referências onde torna-se possível ao pré-sujeito ganhar uma forma. Trata-se de uma “cota de alienação” necessária para ingressar na máquina-mundo e tornar-se sujeito (*assujeitamento*) e assim X pode dizer que “é psicólogo, casado, filho de um certo casal, pertence ao partido Y, torce para o time Z, etc.” (PESSANHA, 2018a, p. 64).

Nessa perspectiva, o sujeito não se autodesenha com as próprias mãos, mas entra num enquadre em que já aparece pré-desenhado. Sua relação consigo mesmo é mediada pela história e pelo tempo, por sentidos e insígnias mundanas numa “alienação” que não pode ser desfeita, uma vez que é constitutiva da “realidade” do sujeito. Essa concepção atestaria que o humano não dispõe de uma natureza essencial, mas artificial; tampouco inventa a si mesmo com base em repertórios próprios; e só se dá conta de seu Si quando este já foi preenchido por algo que não é ele. É o nascimento e a infância que consolidam esse fato inerente ao existir

humano, que perfaz aquele “sido” que o adulto não pode se ver sem. Como escreveu Juliano: “se sou, é porque fui lançado e encenado por um outro, de tal modo que o que me funda está fora de mim” (PESSANHA, 2018a, p. 65). Não é que o rapaz desejasse se encontrar fixado numa identidade mundana pré-determinada. Ele sabia que a infância é o dado prévio do qual não se pode abolir, mas que se pode retomar de modo criativo (WINNICOTT, 1975). Contudo, perante esses processos constitutivos, ele se perguntava por que é que o mundo se tornou uma estrangeiridade massacrante, por que sua matriz tinha sido mal consolidada e ele vivia na frustração de ficar exilado, pseudocorporificado numa realidade assombrosa. Restou a mimetização e o falso *self*, efeitos da tentativa de corporificar (WINNICOTT, 1975).

A rinite do jovem atacava perante tanta poeira que emanava da imensa pilha de livros daquela banca. A grande estante principal estava preenchida por livros de autoajuda, negócios e finanças. E a parca literatura que ainda encontrava algum espaço era de best-sellers escritos por influencers digitais. Teve de insistir ao vendedor para vasculhar um conglomerado de livros empoeirados que estavam atirados no canto da banca. Depois de alguns resmungos o velho finalmente encontrou um único e solitário exemplar do penúltimo livro lançado por Juliano. Entregou ao rapaz para que ele verificasse se era de fato um livro do autor. “Recusa do não-lugar”, Juliano Garcia Pessanha. Era dele mesmo. O título impressionou o rapaz, assim como a apresentação:

Este livro trata da determinação existencial e do anseio de se ter um “eu”. Como alguém acolhe a determinação existencial e cabe no mundo? Em meus textos anteriores eu não pude responder bem a essa pergunta por falta de repertório adequado para pensar positivamente. Excluindo essa diferença de foco, Recusa do não lugar dá sequência a um pensamento de transições e passagens do Fora ao Dentro, da exclusão à inclusão (PESSANHA, 2018e, p. 11).

Se o seu vizinho de *topos* tinha feito a recusa, ele agora sentia que ainda havia esperança. E embora não tivesse dinheiro suficiente, conseguiu um desconto após dizer ao velho: “essa obra pode ser o meu *ticket* premiado para o nascimento! O grande bilhete que me colocaria no tão sonhado vagão do trem cujo destino é o

mundo dos humanos”<sup>5</sup>. Talvez o velho tenha pensado “pronto, mais um desses louquinhos...”, não quis se incomodar e logo fez o desconto ao rapaz.

Depois da queda e desses tantos meses vagando como um errante, engolido pelo vazio e com a dor de quem não suporta mais carregar as roupagens defensivas para forjar uma existência, ele tinha entre seus dedos, trazido pela mão misteriosa do acaso, o livro “Recusa do Não-lugar”. Agarrou-o firmemente e disparou em direção ao ponto de ônibus mais próximo. Ansiava por chegar no seu apartamento velho onde dividia aluguel com buracos na parede e infiltrações, mas não resistiu à espera e ali mesmo, assim que encontrou um assento livre, começou a leitura. Naquele instante ele perdera a pouca noção da temporalidade que tinha, assim como a sua parada. Devorou Juliano em sentido figurado e antropofágico. Seus olhos tomaram um brilho inexplicável e seu coração pulsava quase *humanamente*.

Em “Recusa do não-lugar”, Juliano dá sequência ao pensamento ontotopológico iniciado nos livros anteriores e efetua seu próprio deslocamento para Dentro. Da exclusão para a inclusão, do êxtimo ao íntimo, operando um reposicionamento com relação aos seus referenciais. Se antes o autor dirigia na estrada do negativo com Heidegger ao lado, agora Juliano troca de pista e muda de direção tendo como carona Peter Sloterdijk e seu pensamento esferológico. Escreve na contramão daquela experiência que antes havia dignificado. Encontrou um novo repertório para pensar positivamente no aparato conceitual Sloterdijkiano, precisamente no livro *Bolhas* (SLOTERDIK, 2016), primeiro volume da trilogia *Esferas*. Encontro que, segundo o próprio autor, foi responsável por lhe “devolver a inquietude perdida” e o “libertado do negativo e do culto ao extremo” (PESSANHA, 2018e, p.141). Então o hospitaleiro deixava de ser a *exterioridade* e o *nada* e passava a ser o alojamento no Dentro. Nesses termos, alojamento dirá respeito a dimensão do encontro, encontro com pessoas, coisas, lugares ou atividades que efetuam incorporações territorializantes, produtivas e conformadoras de espaços interiores do/no sujeito. A humanidade não nos é dada, pegamos por contágio, por enganchos e encaixes (REZENDE, 2013).

O livro que o rapaz tinha em mãos trazia o testemunho do trânsito de um ser humano que antes guardava uma relação intensiva com a exterioridade e o não

---

<sup>5</sup> Se nesse momento do texto o autor reposiciona o rapaz, conferindo-lhe espaço para um dizer na 1ª pessoa, é porque começaram a ecoar as possibilidades de entrada e esse gesto representa os primeiros indícios de seus pequenos passos em direção ao lado de Dentro.

pertencimento para um adentramento progressivo no mundo e na constituição de um eu mais condizente consigo. E ele também tinha a vontade de transpor os lugares, fazer a passagem, estar Dentro e participando do mundo efetivo, poder reconhecer-se e se inventar.

As rachaduras aumentando nas paredes do apartamento, as contas para pagar, dívidas, o final da graduação e o ingresso no mercado de trabalho, a espinha dorsal, seu pilar de sustentação, já desgastada... Quanto mais ele tentava escapar, mais a vida o alcançava e cobrava. Não poderia mais continuar fugindo e negando o exercício da vida no interior do mundo, da cultura, do sistema. Eram tantas as urgências da recusa e as necessidades de se corporificar num *Self-Verdadeiro* (WINNICOTT, 1975). Mas também os cuidados, a prudência: Não se trata de uma inscrição numa gramática geral dos circuitos psicossociais estabelecidos, tornar-se um sujeito normal-funcional. Trata-se de agarrar em determinações não-alienadas. Não ficar a mercê dos fetichismos da mercadoria e do Eros do consumo que regiam sua época, que ditavam os modos existenciais baseados em identificações com as imagens do mundo veiculadas pela publicidade e pela cultura de massa (GUATTARI, 1992). Escapar também da captura de noções que postulam a existência de um ideal de sujeito que funciona corretamente, tão presente em seu campo de estudo, onde as pessoas correm o risco de serem tratadas como se fossem robôs, autômatos em que se calibram as disfuncionalidades em vista de um ideal funcional.

Quando leu o último ponto do livro estava trêmulo, suas mãos formigavam. No entanto, ele sorria. E pode-se dizer que se tratava de um *sorriso filosófico* (PESSANHA, 2018e) na face do rapaz. Então ele beijou o rosto do livro, tirou uma caneta do bolso e anotou na contracapa: “Eu, que sempre experimentei a existência a partir de um fora-de-mim. Eu, que sempre fui um ser oco que não reconhecia os próprios gestos e ações fazendo parte de causas interiores. Eu, que não constitui a percepção da existência de uma interioridade como local de produção de si. Eu, que continuamente fui alimentado de Fora e por Fora e que não absorvi qualquer encontro numa duração perdurante. Eu, agora, digo adeus ao exílio e coloco um fim em minha aliança com o abismo.”

Ele estava sozinho no ônibus. Era o último passageiro. O motorista com ar de esgotamento gritou que aquela era a última parada. O rapaz levitava, estava jubiloso. Seus buracos poderiam ser agora costurados. Começaria pelos lados, pelas

extremidades, pelas bordas, não importava, a costura tinha que ser feita. Poderia dar adeus ao corpo que não cabia, o que corpo que não habitava. O corpo mal amarrado, pleno de buracos, com vetores soltos, corpo que não existe no mundo e apenas pulsa em angústia (REZENDE, 2013). Sentia-se contagiado, tinha sido encontrado, encontro humano, era ao mesmo tempo uma queda e um segundo nascimento. Existiria no mundo e se convenceria da conveniência de ter nascido.

Sentia que algo o preenchia por dentro. E enquanto descia do ônibus deu um passo em falso e pegou no braço de uma mulher que passava. Perguntou para ela, perguntou sem parar: *Que lugar é esse?! Que lugar é esse?!...*

### 3. ESPERANÇA DA RECUSA

Em seu apartamento, nicho do negativo, na companhia da poeira que emanava do teto onde o gesso ameaçava despencar; daquela velha máquina de lavar roupa que funcionava a base de gambiarras; das infiltrações que gotejavam no piso úmido do banheiro; dos ventos que ameaçavam estilhaçar os vidros trincados das janelas; das pilhas de contas que se acumulavam na estante ao lado dos livros que a essa altura já pertenciam às traças, ele estava deitado, imóvel, olhando para o teto pálido, pensando naquele último acontecimento. Ele estava a poucos meses de terminar sua formação acadêmica num curso de Psicologia e se encontrava sem perspectivas de futuro, pois do jeito que era não havia maneira de exercer essa profissão. Lá ele também não tinha encontrado lugar e levou a formação nas costas como um Atlas fadigado. Mas, sabia que não poderia voltar atrás. Tinha selado o juramento na contracapa daquele livro.

Em pouco tempo seu exemplar de “Recusa do não-lugar” já estava gasto e quanto mais ele lia, mais o livro se esfarelava em suas mãos. O contra aforismo que Juliano escrevera, coincidentemente, para “O Passageiro” de Kafka, aforismo que ele guardava como sendo a manifestação de sua posição no mundo, insistia em se repetir na sua cabeça. Já o tinha decorado:

Venho dentro de um bonde elétrico e estou ruminando a última conversa com meu noivo e algumas situações recentes do trabalho. É óbvio que eu teria algumas reivindicações a fazer no que tange à minha pouca remuneração e gostaria muito de discutir com minha mãe sobre o meu vestido de casamento. Em geral eu não reparo muito nas pessoas, pois sempre fico entretida e, razoavelmente gravitada, repassando a temática bastante onipresente do meu próprio mundo. Minha interioridade me nutre bastante e minhas

perguntas não saberiam se formular sem essa plataforma constante dessa interioridade.

Hoje, excepcionalmente, ao descer do bonde, reparei em um jovem que olhava para mim. Eu nunca me senti tão vista e cheguei a me desarrumar um pouco. Ele era magro, de orelhas pontudas e sobranceiras grossas e escuras como seu cabelo. Tinha o olhar um pouco assustado e me fez lembrar uma frigideira estalando num fogo já extinto.

Naquela ocasião, me perguntei: como é que ele não está sossegado como eu? por que é que fica assim espantado e com a janela escancarada? (PESSANHA, 2018e, p. 35-36)

O fragmento, em conjunto com o aforismo de Kafka, denota a posição de duas situações da experiência humana: o desassossego daquele que não dispõe de um Eu e que, portanto, nutre com o mundo uma relação de estranheza e infamiliaridade e uma outra, desconhecida pelo rapaz, a que se encontra amparada numa relativa estabilidade da posição subjetiva e do amparo no mundo (PESSANHA, 2018e). E ele, vendo a vida se aproximando cada vez mais, não querendo ser engolido por ela, mas ao contrário, mordê-la, desejava habitar o outro lado.

O dinheiro acabando, a iminência do desemprego, os problemas de saúde e a precariedade da sua existência que não permitia a ele partilhar o mundo com os humanos apontavam a urgência de recusar sua antiga pseudoresidência no não-lugar. A vida era impraticável sob aquela posição. Então ele se perguntava: “se constantemente sou visitado pela angústia que explode os sentidos e me entrega aos entes sob uma eterna estranheza, como farei para superar essa condição e me sentar na mesa dos humanos?”. Segundo seus recentes estudos, se a diferença fundamental é aquela entre estar exposto sem anteparos consistentes ao exterior e estar ocupando um espaço interior, para que se torne possível um adentramento nesse interior é necessário entender de aliados, acompanhantes e ressonâncias.

Foi aí que o rapaz teve seu primeiro contato com o filósofo Peter Sloterdijk, pensador que, por intermédio de Juliano, lhe forneceu respostas para compreender sob que condições um ser humano floresce e vem ao mundo ou fracassa e fica detido em espaços infernais. O filósofo alemão, precisamente na trilogia Esferas, que inaugura sua Esferologia, um projeto de antropologia filosófica, interessa-se em pensar os espaços interiores, sua arquitetura, seu design e sua conformação, e isso pela razão de que os humanos, desde que temos notícias deles, sempre existiram no interior desses espaços (PESSANHA, 2018e). São os seres humanos arquitetos de espaços interiores que

jamais viveram numa relação imediata com a natureza ou na proximidade dos fatos, mas sempre no interior de receptáculos autogerados, onde tudo o

que é encontrado está submetido a climatizações simbólicas, calibrações semiológicas e atmosférico-afetivas. (SLOTERDIJK, 2016, p. 43).

Conforme o rapaz avançava nos estudos da obra de Juliano, foi se interessando cada vez mais na Esferologia de Sloterdijk. Sentia que também precisava beber direto da fonte e, para tanto, teve de pedir dinheiro emprestado a um amigo para poder comprar o primeiro volume da trilogia, Bolhas.

Um dia foi até a estação onde tinha comprado seu exemplar de Recusa do não-lugar a fim de ver se o velho vendedor tinha o tão desejado livro. Quando chegou, reparou que a banca estava fechada. Então se aproximou de um senhor bigodudo com um nariz enorme que fazia sombra ao bigode grosso e branco. Era grisalho, descabelado e usava óculos com lentes e armação igualmente alaranjadas.

- “Com licença, senhor, por acaso sabe por que a banca não está aberta hoje?”  
O senhor fitou o rapaz nos olhos, deu um singelo e triste sorriso e disse:

- “A banca fechou, meu filho. Não faz muitos dias que ajudei seu Bento a encaixotar os livros e as revistas.”

O rapaz que estava ansioso para adquirir seu livro perdeu o brilho imediatamente. Tinha corrido até a estação sem notar cansaço, contudo, após a notícia, seu corpo pediu para se sentar. O bigodudo o convidou para sentar-se ao seu lado e comentou:

- “Ele adorava os livros e a vida como vendedor nessa banca velha. Mas só vinha tendo prejuízo. Hoje em dia a literatura está muito desvalorizada, não se brinca mais com as palavras. O que mais se vende, perguntei a ele outro dia, são livros suspeitos de autoajuda assim como livros de negócios, coisas desse tipo”.

O rapaz concordou com a cabeça e disse:

- “Estive aqui há algumas semanas, até encontrei o livro que queria, mas estava numa pilha que provavelmente ninguém se interessava, tive que insistir a ele para que desse uma olhada nela. E sobre a literatura, hoje, temo que ela venha perdendo lugar para os centros acadêmicos. Como diz o autor do livro que comprei, ‘quando os processos de objetivação e de explicação submetem e dominam cada vez mais regiões da experiência, mais o dizer migra para o especialista e menor é o espaço da província literária’ (PESSANHA, 2018e, p. 26). Ao invés de escreverem, as novas Clarices e Hildas, fazem dissertações, teses e se especializam nessas autoras para concorrer e garantir uma vaga em concurso público como docente nas universidades. Uma pena. Desse jeito, onde vai parar a poesia?! Se o dizer tende a migrar para o

“especialista”, o que fica para quem faz literatura? Esse autor que estou lendo, ele mesmo tentou a vida literária, mas se deu mal, tentou carreira na filosofia escrevendo de um jeito singular e visceral, encarnava os autores, escrevia com as próprias feridas. Quase acabou na sarjeta, teria de se converter em pesquisador comum para ganhar a vida!”.

O velho riu com a indignação do rapaz e antes de levantar e pegar o trem que estava partindo disse:

- “É, meu jovem, a poesia era o refúgio daqueles que queriam escapar um pouquinho da razão e redesenhar os limites da linguagem. Não estou inteirado sobre o ramo literário nos dias de hoje, mas veja bem, seu autor não está dizendo asneiras, se bem me lembro, Hilda tinha uma casa no meio do campo na qual se recolheu para viver da literatura, nem imagino quanto custa para ter essas condições nos dias de hoje. E eu só consegui desempenhar minha ocupação de ser poeta, ou melhor, “vagabundo em tempo integral”, como gosto de desnomear, porque herdei de meu pai uma fazenda no Pantanal onde meu quintal era maior que o mundo e pude, então, me recolher nela para dizer nada de forma séria.”

O brilho aos poucos retornava aos olhos do rapaz. Apesar do tom trágico da conversa, ele se animara com o inusitado *encontro* com o velho e de saber que ele era poeta. Antes que partisse, perguntou se ele vinha sempre à estação e se retornaria a vê-lo. Também perguntou seu nome. Ele fez um sinal de concordância. E disse que seu nome era Manoel.

Ele permaneceu ali sentado, pensativo. Mesmo com a descoberta do novo livro do Juliano e tendo a sua disposição um repertório novo de conceitos para usar a seu favor, ele seguia sem concluir nada e sem conseguir se colocar no mundo. Sentia que agora, ao menos, tinha um pé dentro, mas ainda não tinha as competências mundanas. A conversa com Manoel evidenciava um fator importante e presente da vida no mundo hoje. Viviam no interior do construtivismo agressivo da modernidade e sua posição era cada vez mais minoritária e menos audível. Conforme Juliano disse,

nos últimos cem anos, não só novas realidades saíram da clausura e da latência para entrar no mundo (os átomos, os quarks, o DNA, os genes, o sistema imunológico), mas também realidades que se encontravam fora do regime explicativo foram objetivadas e colonizadas pelo saber explicitamente (PESSANHA, 2018e, p. 25)

E diante de uma modernidade como essa em que habitamos hoje, sob o imperativo da técnica e da objetivação, onde os saberes tendem a passar por um processo de segmentarização e adentrar o domínio da especialidade, como ele poderia trabalhar? Como poderia praticar a psicologia se notava a complexidade em volta na dita explicitação do sujeito psicológico e das psicopatologias? E também ele não aceitaria ser reduzido a mero caso psiquiátrico portador de um distúrbio neurobiológico, cuja terapêutica se pautava em praticar uma série de mandamentos técnicos e seguir protocolos de tratamento. Não simpatizava com os psis-engenheiros que encaravam o humano à sua frente como um objeto químico-cerebral defeituoso a ser reparado.

Contudo, aquela constatação o preocupava, pois, durante quase toda sua vida ele viveu em suspensão. Flutuava na perplexidade. Fazia seus exercícios para mimetizar o repertório dos humanos, estudando os gestos, mas nunca reconhecendo a si mesmo no próprio dizer, tomado da angústia de se ver uma fraude. Por um tempo, precisou se ancorar com uma série de páginas de livros de filosofia e psicanálise para tentar se convencer de que eram as pessoas de Dentro do mundo que estavam enganadas. Enquanto ele era um indedutível, os outros eram os deduzidos e emoldurados, prisioneiros da determinação identitária, habitantes da representação (PESSANHA, 2018d). Mas secretamente, em seu desassossego constante, quando andava à noite pelas ruas olhando as janelas dos apartamentos e o interior das casas, sempre perguntava-se: “como a vida é possível? como é possível presentificar-se na faixa da presença, alcançar essa dimensão e nela acontecer? Como é possível ter biografia? Como as pessoas não são engolidas e por meio de que magia elas migram para a segurança do mundo e de um si-mesmo? O que é, afinal, que eu sei e que não deveria saber?” (PESSANHA, 2018d, p. 242). O que ele sabia era o segredo das linhas que separam as regiões topológicas do Fora e do Dentro. Mas o que ele desconhecia eram os segredos da hospitalidade.

#### **4. HOSPITALIDADE E CUIDADO**

A delicadeza expansiva da voz de Vitor Ramil emabalava o ânimo do rapaz, e com a cabeça levemente recostada na janela do ônibus que o levava para o *campus* onde estuda, pensava em como faria para adquirir o exemplar do livro tão buscado. Repentinamente notou que o ônibus cruzava em frente a um consultório clínico onde uma placa indicava atender uma psicanalista winnicottiana. O consultório sempre esteve entre ele e o caminho para a universidade, mas somente após a leitura de

Recusa do Não-lugar que passou a perceber a sua existência. Durante seu percurso acadêmico ele ignorava o psicanalista inglês, dando mínima atenção às contribuições do pediatra para a teoria e a prática da psicologia. Ressoava melhor com a tonalidade trágica e negativa de Freud e Lacan. Contudo, agora curioso sobre os segredos da hospitalidade e tendo criado interesse no cruzamento que Juliano fez da psicanálise winnicottiana com a esfereologia sloterdijkiana, cogitava novamente investir em terapia e retomar sua análise. Sua última tentativa foi com um lacaniano ortodoxo que friamente se colocava diante dele como não-pessoa para que sob seu corpo pudessem se espelhar projeções que favorecessem a produção de um processo transferencial. Mas para o rapaz, aquela postura fria e invisível só contribuía para se sentir mais desamparado nas suas angústias. A recorrência do silêncio, do olhar esvaziado e dos cortes de sessão em quinze minutos só favoreceram sua vontade de desistir.

Quando se deu conta de si, já estava na sala de espera daquele consultório, naquele mesmo dia, supondo que aguardava a analista chamar seu nome. Ele decidiu, sem muito pensar, usar o dinheiro emprestado para apostar numa primeira entrevista com a psicanalista, já que não encontrou o livro na banca do seu Bento e nas outras livrarias se encontrava sob um preço impagável. E não poderia ter feito uma aposta melhor! Logo no primeiro encontro entre a dupla, o rapaz sentia a diferença: a terapeuta estava ali, presente, olhava para ele, enxergavam um ao outro. Tinha receio de contar sobre a fenda, sobre a ausência do Eu, seus personagens e da falta de vínculo que o possibilitaria desejar a existência. Mas ela o incentivava a puxar o fio da experiência, acompanhando e sintonizando. Sua escuta tirava-o do âmbito da psicopatologia que um dos progenitores o tinha colocado quando era pequeno. Dentro daqueles cinquenta minutos ele nunca se sentiu tão humanamente olhado e escutado. Não restavam dúvidas de que o rapaz estava precisando de “longas simbioses e transfusões, ele era raquítico de ser” (PESSANHA, 2021). Antes que a sessão acabasse e ele fosse convidado pela terapeuta a retornar no consultório na semana seguinte, ele concordou em concorrer a uma bolsa na universidade para bancar o tratamento. E quando estava prestes a levantar, deu uma boa olhada na estante de livros da futura aliada no intuito de rastrear quais eram seus interesses literários. Seu olhar preenchia a estante e não conteve o impacto ao perceber ali alguns livros de Sloterdijk, dentre eles, *Esferas I: Bolhas*. Um pouco atrapalhado e tropeçando nas palavras, contou do seu encontro com o último livro de Juliano

Pessanha, revelando que tinha sido este o responsável por ele estar ali buscando terapia. Vendo a vibrância do rapaz, a terapeuta nem esperou ele terminar de falar. Pegou o livro da estante e pôs em suas mãos: “pode levar, também me interessei pelo autor depois de ler o livro do Juliano. Achei interessante as aproximações que ele fez com Winnicott e resolvi estudá-lo também. Pode me devolver depois de terminar de ler. Até semana que vem!”

Ao rapaz era até estranho aquele conjunto de bons encontros. O jovem que era abatido por uma grande indisposição para o mundo agora tinha animado-se a estudar para concorrer a uma bolsa na universidade. Pagaria seu tratamento e ainda sobraria para pagar as contas e o que devia ao amigo. Talvez conseguiria parcelar os consertos no apartamento antes que esse em algum instante desabasse sobre ele. De sobra, com essa animação conseguiria se dispor a escrever seu trabalho de conclusão de curso e finalmente se formar psicólogo.

No decorrer daquelas sessões e de seus estudos, ele descobria a capacidade de tecer biografia. E nessa tessitura reconhecia que a inconveniência de ter nascido era um sentimento obtido por um desajuste na sua chegada, concessão do abandono. A Esferologia de Sloterdijk, como a essa altura já tinha compreendido o rapaz, buscava responder sob que condições um ser humano que aporta neste mundo pode florescer ou definhar, traçar uma trajetória ascendente ou retroceder e ficar tomado pela exterioridade pura sem nenhum anteparo. E que a intenção de toda trilogia Esferas é investigar a hipótese de que o estar-em-esferas é a condição fundamental dos seres humanos.

## **5. AS (MICRO)ESFERAS**

O primeiro volume da trilogia, Bolhas, livro que o rapaz vivia agora debruçado, concentra-se naquilo que o autor descreve como espaços microesféricos, onde, segundo Pessanha (2018e), Sloterdijk desenvolve uma ontologia do íntimo e das relações simbióticas, desde o pré-sujeito que habita o espaço intrauterino, até o nascimento e a migração para colo materno e assim por diante, num processo de passagens e migrações que conformam os espaços interiores que realizam um sujeito. É um modelo que se refere a ligações onde animações recíprocas se produzem por ressonância radical, mostrando que para constituir uma subjetividade é necessário a presença de dois ou mais. Quando esses, na inicialidade da vida, no interior de um espaço partilhado, abrem-se um para o outro de forma exclusiva, forma-

se em cada indivíduo, *per se*, um modo viável de estabelecer sua característica de sujeito. E isto, num primeiro momento, consiste em tomar parte nas ressonâncias esféricas (SLOTERDIJK, 2016). O espaço íntimo que tradicionalmente descrevemos como *subjetividade*, nos parece então mais real e mais fiel aos procedimentos constitutivos do sujeito se operarmos nele com o conceito de *cossubjetividade*. Cada sujeito é um sujeito que contém outros na medida em que acolhe e abrange uma outra subjetividade, mas “é também um sujeito contido em outros, ao estar rodeado e consumido por seus olhares abrangentes e seus arranjos” (SLOTERDIJK, 2018, p. 80).

Se conto a alguém que estou vendo um bebê ensaiando seus primeiros passos na calçada de uma praça, meu interlocutor provavelmente já deduzirá que diante desta criança alguém a está olhando e investindo atenção ao seu equilíbrio. Alguém está *com* a criança. A analítica do autor que pretende, sobretudo, refutar a solidão, faz jus à radicalidade e intensidade desse *com*. O estar *com*, nessa perspectiva, é a própria questão da espacialidade, é um estar *em*, estar *dentro*, *ser-em*, contido em esferas. Nas palavras do próprio autor, o primeiro livro da trilogia fala então dessas unidades microesféricas denominadas bolhas,

elas compõem as formas íntimas do ser-em-forma arredondado, bem como as moléculas que formam a base das relações mais fortes. Nossa análise aborda a tarefa ainda não empreendida de contar, para as inteligências adultas, a epopeia das biunidades perdidas para sempre, mas não aniquiladas a ponto de não deixar traços (SLOTERDIJK, 2016, p. 59).

Trata-se, portanto, de um procedimento incondicional no tornar-se humano e aquele que não pode adentrar favoravelmente nesses processos formativos, como veremos ser a realidade do jovem, definha e aborta de susto, tornando-se aquilo que denominamos oco-abismal ou sujeito rasgado (na exterioridade).

Quem colocou seu alento na criança que brinca? Quem se mantém fiel à criança em seu êxodo para fora de seu quarto de brinquedos? Em quais atenções e animações do espaço está a criança envolvida quando sua vida tem êxito nas trajetórias ascendentes? Quem acompanha a criança em seu caminho para as coisas e para o que há de essencial nelas: o mundo compartilhado? Há, em todos os casos, alguém cujo êxtase impele as crianças para frente no espaço de possibilidades - e o que sucede com quem não é o sopro de ninguém? Toda vida que emerge e se individualiza, estaria ela enquanto tal contida em um sopro solidário? É legítimo pensar que tudo o que existe e é tematizado estaria envolto pelo cuidado de alguém? (SLOTERDIJK, 2016 p. 21).

Antes de tudo, uma relação de cuidado composta por animadores, aliados e sustentadores. O nível elementar, primário e simples, surge em nosso caso já como ressonância entre instâncias dentro de uma esfera: o originário manifesta-se desde o início como dualidade correlativa (SLOTERDIJK, 2016). O que está no início da experiência humana de cada um de nós não é o desamparo descrito pela psicanálise freudiana, não é a ideia de que nascemos e então algo nos falta e a vida se desenrola num processo de busca pela restituição do espaço vazio do qual um objeto foi suplantado. O que há no início é justamente o amparo. Primeiramente nos encontramos amparados no espaço intrauterino e no sustento íntimo placentário. Em seguida nascemos e somos amparados pelas figuras de cuidado (de forma mais ou menos favorável); e o desamparo, aqui, é circunstancial e não descreve a condição humana. E como veremos adiante, o amparo fundante pode ser suficientemente bom ou negligente, intrusivo ou demasiado.

Então, a analítica sloterdijkiana indica que primeiramente nos encontramos amparados num profundo mergulho na piscina amniótica do espaço intrauterino e no sustento íntimo placentário até a chegada ao colo e ao berço com nossos aliados/cuidadores. E a suposição central do autor na defesa de seus argumentos, deriva dessa relação inescapável de intimidade forte pressuposta em nós enquanto espécie para sobreviver e se emancipar. É devido a essa relação especial de conectividade forte que, segundo o autor, o ser humano precisa de algum nível de conexão com os objetos e seres nos meios que nos circundam.

Não somos lançados aí, jogados dentro de uma única grande esfera impessoal, somos antes amparados e sustentados, paridos e recebidos no mundo, transitando de um espaço a outro. Descrever esse trânsito, essas passagens do pequeno ao grande, é a proposta do conjunto da obra *Esferas*. São (n)elas, as esferas, que invisivelmente comandam as migrações e o que é transferido do mundo miúdo (microesfera) ao imenso (macroesfera) (PESSANHA, 2018e). Nos momentos em que se transita de um espaço a outro, de mundos pequenos para contextos ampliados, é importante salientar o entendimento desses deslocamentos, pois esses lugares atmosféricos-simbólicos dependem de uma contínua renovação, as esferas são permanentemente afligidas, dada sua inevitável instabilidade (SLOTERDIJK, 2016). Para tanto, convém exemplificar o pensamento das migrações, do mundo pequeno ao ampliado, fazendo uma ponte com a psicanálise Winnicottiana e o que o autor chamou de transicionalidade, conceito que representa a perspectiva de

Winnicott sobre a subjetividade e suas produções. Transicionalidade, conforme o didático exemplo de Pessanha (2018e):

diz do uso que uma criança faz de algum objeto que a ajudará na transição da concretude do colo para a aquisição do mundo simbólico. Quando a mãe se ausenta, o bebê segura alguma fralda ou ursinho e esses objetos garantem a presença da mãe mesmo na ausência dela. Se a mãe retorna, então o bebê pode confiar nela e no objeto transicional. Se a mãe demora para voltar ou não volta, o ursinho perde o sentido e o bebê despenca no vazio (p. 57).

No abandono, o mundo interno que está sendo criado se desfaz, mas se o aliado retorna e a criança estiver em posse de um objeto transicional enquanto ela espera seu retorno, cria-se dentro dela um mundo simbólico, representacional, que garante a introjeção do aliado “dentro” dela, perfazendo um estar-em-confiança que ditará o afeto da criança na sua relação com a vida e o mundo. Logo,

O objeto transicional é aquele que garante o início do povoamento do mundo “interior” da criança e a possibilidade de separar-se da mãe. A criança pode despedir-se da concretude-mãe porque o que ela carrega dessa mãe, dentro de si, garante que não haverá ruptura nem desconexão total. Uma desconexão total implica desabar em nada (agonias impensáveis). A perda da mãe, nesse momento, é a perda do mundo (PESSANHA,2018e, p. 57).

Mais ainda, o psicanalista realizador da psicologia do desenvolvimento emocional, concebe a noção de "*Self*"<sup>6</sup> como verdadeiro eu ou identidade autêntica de uma pessoa. Refere-se a ele como a integração de experiências subjetivas e objetivas que ocorre dentro de um ambiente facilitador nos anos iniciais da vida do sujeito, semelhante ao que vem postulando Sloterdijk. Em "O brincar e a Realidade" (1971), Winnicott destaca a importância do desenvolvimento saudável do *Self* na infância, abordando a importância de um ambiente suficientemente bom que propicia à criança desenvolver uma sensação de continuidade e integridade do eu. Segundo o psicanalista, o *Self* é moldado pela interação entre a criança e seu ambiente adaptativo, especialmente durante os estágios iniciais da vida.

## 6. ESFEROLOGIA E CLÍNICA

---

<sup>6</sup> A noção de *Self* aqui empregada é desenvolvida por Winnicott e conforme Pessanha (2018e), tem continuidades com a noção que Sloterdijk apresenta em Esferas I: Bolhas.

São múltiplas as causas de uma posição minoritária no mundo contemporâneo: classe social, gênero, etnia, orientação sexual, posicionamento político etc. Mas a condição de exilado que mantinha o rapaz, a marginalidade ontológica, que vai além da falta de visibilidade social, é uma condição marginalizada a nível existencial de alguém que desejava se instalar na zona de estabilidade onde a angústia não era a regra (TREVIZAN, 2020). Essa condição de instabilidade foi a dádiva concedida pela falta de hospitalidade de seus progenitores que ao receberem o jovem no mundo não lhe conferiram o sopro solidário e povoamento interior.

Nas belas palavras do filósofo das esferas, eis a explicitação do segredo desse espaço de povoamento interior:

não são as dimensões interiores do sujeito efetivas apenas porque, desde suas situações mais primitivas, as vozes das ninfas nas águas lhe sussurraram alguma coisa? Não está, cada criança que não enfrentou o abandono, convencida da vantagem de ter nascido apenas porque mamilos eudaimônicos, fadas bebíveis, caramelos cheirosos velam discretamente ao pé de seu berço para adentrar de vez em quando em seu interior e tranquilizá-la? Com esse acúmulo de invasões vantajosas ao indivíduo, não se escava uma gruta amorosa na qual se encontrará, por toda a vida, um lugar que seja comum para o *self* e seus espíritos associados? Tornar-se sujeito - isso não pressupõe múltiplas penetrações felizes, invasões criadoras de formas e entregas interesseiras a intrusões enriquecedoras? (SLOTERDIJK, 2016, p. 89).

Por efeito de aliados indiferentes, sequestrados e desatentos, o rapaz ganhou um grande vazio e não pode se convencer da conveniência do nascimento. Como podemos ver, um indivíduo só nasce e floresce por meio de visitas, lentos acampamentos de hóspedes duradouros, e a interioridade humana não é senão o precipitado desses encontros. O ser-um-no-outro do qual nos fala Sloterdijk, se realizado de forma viva e forte nos encontros, consiste na própria estufa na qual se fazem as condições de possibilidade onde podem crescer e se territorializar o *self* verdadeiro (PESSANHA, 2018e). Se dentro desse espaço o acompanhante devotado e cuidador aos poucos apresenta o mundo, doando-se nas coisas que apresenta, então essas coisas tomam a criança na mesma medida em que ela as toma, dentro de um processo de incorporações produtivas. E esse incorporar-se produtivamente

faz-se de estar possuído por entes hospitaleiros. Já o que ficou oco não consegue constituir mobiliário interior. Ele fica desprovido de "alma" e sem saber quem é. Ele cospe e rejeita o leite materno - por este ter chegado cedo ou tarde demais de halos pétreos e envenenados-, em condições nas quais ele não pôde sentir-se seu dono e criador. O estranhamento vigora para

aquele que chegou ao mundo em condições de catástrofe esferológica. Sem a imunização decorrente da presença do aliado, o frio da exterioridade aniquila a vinda a si e ao mundo. O oco nasce do não fundamental e do recuo (PESSANHA, 2018e, p. 73).

No intuito de garantir a ética e o dever do sigilo profissional que protegem a intimidade das pessoas, esperamos que o leitor possa se contentar com a seguinte suposição: tendo frequentado as longas sessões de análise com sua nova terapeuta, alguém que lhe servia como prótese para os aliados insuficientes e que não estava ali apenas interessada em diagnosticá-lo dentro de uma categoria psiquiátrica para aplicação de técnicas psis ou mesmo interpretar seu inconsciente usando a técnica freudiana de *talking-cure*, mas ao invés disso, investe atenção, cuidado e dá importância para a sustentação e o deixar-se usar pelo outro, o rapaz aos poucos conseguia angariar repertório narratológico para reconstituir sua história e retomar seu processo de vir-a-ser lá onde ele foi interceptado. Eles, juntos, buscavam e compreendiam a gênese dos afetos mediante as relações primárias quando o rapaz estava por-*vir*, *vir-a-si* e ao mundo. Cientes de que essas experiências não determinam uma vida, mas são determinantes. O Retorno ao passado pode não mudar tudo na vida de um paciente, mas tem um papel transformador. E entendendo onde estava, e onde está a potência do paciente, abrem-se vias para religar ele consigo mesmo. Apostando com isso numa transformação na ordem dos afetos, de se afetar, de ver a si e o mundo, abdicando progressivamente de posições defensivas. Nessa matriz terapêutica, portanto, considera-se a pertinência de entender como as coisas se deram na vida singular de cada um, exercendo um papel de buscar entender como essa disposição foi efetivamente e singularmente se dando.

Combinada com as questões esferológicas Sloterdijkianas, era sabido pela terapeuta winnicottiana que o florescimento do *Self* ou ocorre por sustentação ambiental ou é aniquilado por falhas nessa sustentação. As “mães”<sup>7</sup> são aqui pensadas enquanto estufas onde podem ser gestados o si-mesmo dos bebês, que necessitam de cuidado “como se fossem fogareiros nos quais o verdadeiro si mesmo é cozido no fogo lento e brando das atenções e cuidados” (PESSANHA, 2018 p. 53). É somente através da formação e da preservação dessas estufas imunológicas (mediações que imunizam contra a exposição a exterioridade) que

---

<sup>7</sup> O termo “mãe” aqui utilizado sob registro da psicanálise de matriz winnicottiana equivale a qualquer aliado complementar, no idioma esferológico de Peter Sloterdijk.

pode ocorrer algo como a construção do mundo no campo subjetivo, na esfera simbiótica e nos espaços que a sucedem. O sujeito e seu complementar formam de início, conjuntamente, uma célula de intimidade desprovida de mundo, ou que é seu próprio mundo; mas como o sujeito, numa dada cultura, é informado sobre o volume do “mundo” por seu duplo, e, inicialmente, apenas por ele, o acesso ao exterior, para o sujeito em devir, depende por completo das qualidades de membrana do Outro interior. Ao voar ao encontro do outro íntimo, ele se estende a si próprio para esse mundo mais amplo. A abertura do mundo é a dádiva do duplo enquanto membrana (SLOTERDIJK, 2016, p. 402).

Assim uma criança pode ser dotada de repertórios e experiências cujo carregamento e transferência permitem que o si-mesmo não desmorone ou desintegre em situações de indiferença e hostilidade. Sendo assim, um aliado complementar que é ausente e não se relaciona com seu bebê, ou ainda, é hiperpresente, mas insensível ao que é próprio da criança, são fortes candidatos a aniquilar o *self* incipiente (PESSANHA,2018e). De acordo com a psicologia do desenvolvimento emocional é necessário um ambiente facilitador para que os processos de amadurecimento das pessoas se concretizem. “O amadurecimento nos estágios iniciais da vida - e de fato ao longo de todo o processo -, é sobretudo uma questão de integração” (WINNICOTT, 2020, p. 51). O psicanalista ainda adverte que as falhas ambientais enfrentadas pelos bebês enquanto ainda estão em relação de dependência absoluta com seus complementadores

acarretam danos de maior ou menor grau, mas ainda assim, danos que podem ser difíceis de reparar. No melhor dos casos, o bebê, que se tornará uma criança ou um adulto, carregará enterrada dentro de si a memória de um desastre que aconteceu ao *self*, e muito tempo e muita energia serão despendidos para colocar ordem na vida, de modo que essa dor não seja sentida de novo. No pior dos casos, o desenvolvimento da criança como pessoa é distorcido permanentemente, com o propósito de deformar a personalidade e desfigurar o caráter. Surgem sintomas que quase sempre são vistos como malcriação, e a criança sofre nas mãos de quem acredita que punições e educação corretiva podem curar o que na verdade são indícios profundos de uma falha ambiental. Ou, então, a criança pode ficar tão perturbada que é diagnosticada como portadora de uma doença mental e recebe tratamento para uma anomalia que poderia ter sido evitada (WINNICOTT, 2020, p. 102)

Uma das posturas da terapeuta winnicottiana em casos como esse, portanto, é deixar-se usar pelas necessidades do paciente e regredir até os lugares da experiência nos quais o sujeito ficou congelado por falta de acompanhamento e

conexões de ressonâncias (PESSANHA, 2018e). Conforme observou Juliano na aproximação de Sloterdijk com Winnicott:

A psicopatologia winnicottiana tem mais a ver com o não acontecido que deveria ter acontecido do que com a hermenêutica do que aconteceu e foi jogado para fora da consciência. É nesse sentido que Winnicott representa em psicanálise uma ruptura com o paradigma interpretativo e uma transição para o do cuidado (PESSANHA, 2018e, p. 54).

Essa transposição de paradigma força, inclusive, uma alteração em termos de *setting* analítico, onde a analista também está ali para cobrir funções primordiais como *holding* e *handling*, reorganizando e desestruturando o que seria características de uma análise tradicional e ortodoxa. Assim, pode-se afirmar que, se na psicanálise vienense o paciente deve se adaptar ao método psicanalítico, na matriz winnicottiana é a analista que deve se adaptar ao paciente (PESSANHA, 2018e).

Na jornada que o rapaz agora fazia com uma acompanhante presente e vivificante, mediante encontros fortes e conexões com aquilo que vinha de dentro dele, aos poucos ele ia preenchendo os espaços ociosos que o permitiam realizar em termos narrativos apenas uma heterotanatografia, para agora dar os primeiros contornos ao que parecia uma autobiografia.

No que diz respeito a sua história de ter ficado suspenso e sem lugar: tendo que, boa parte da sua vida inventar seus postigos para forjar existência – entendido o que era um povoamento interior, o que era uma subjetividade e a antropogênese pela ótica de Sloterdijk – ele deduziu que seu esvaziamento foi o efeito de uma catástrofe esferológica. Catástrofe vivenciada no seu início, na terra da infância com aqueles que eram para ser seus aliados e animadores (alma) na empreitada humana de aquisição de interioridade e de vir a si, essa parte de determinação mundana que nasce criativamente com aliados íntimos em relações fortes e experiências radicais de ressonância, onde aquilo que ele encontraria seria criação sua, que simultaneamente o constituiria e o criaria, que faria emergir o repertório existencial e seu si-mesmo. Si-mesmo que cresce no fogo da amizade e dos encontros, e que não se vê razões para desconfiar que ele não seja coincidente consigo próprio ou supor que esteja alienado.

Mas aconteceu que os anfitriões do rapaz foram cegos para sua existência e não adentraram junto dele em duetos ressonantes, foram surdos para as notas que o rapaz emitia. Foi abandonado e desassistido. Se algo lhe deram, foram todos seus

medos e aflições. Sua melancolia, o profundo descontentamento, foi a resposta para o empobrecimento do mundo interior dado o descuido no campo de proximidade com os animadores. Não se criaram condições para repertorizar um “eu” e ele reproduzia apenas um não-ter-mais-nada-a-dizer. E não só no interior da família ele não sabia reivindicar que posição ocupava, mas a vida escolar também fora brutal. Era tão desconhecido e estranhado que chegou ao mundo escolar sem repertórios localizadores e noções de si mesmo. Porque seus duetos tocaram desafinadamente, impedindo-o de gestos antropofágicos em seus aliados, ficou sem repertório e sem notícia para uma migração favorável no mundo-escola. Por anos viveu fora de si e seu corpo parecia mais daqueles outros que o espancavam do que dele próprio. Se quando explodem as primeiras bolhas íntimas, os meninos conseguem caminhar em direção aos mundos ampliados, uma vez que dentro deles já carregavam o mobiliário de uma “alma” e seus aliados já tinham sido incorporados dentro desse mesmo imobiliário, no caso do rapaz, ele carregou até a escola um buraco, um vazio, pois jazia despossuído de repertório de um si mesmo suficientemente capaz de apaziguar o abismo, suavizar a exterioridade e integrar a estranheza (PESSANHA, 2018e). Como escreveu Pessanha (2018e):

ninguém vai pra fora com os próprios pés. É preciso muita imiscibilidade e desajuste de dádivas. O fora é uma concessão do abandono, é uma dádiva do desencontro. É preciso que o aliado e recém-chegado tenham temperamentos antípodas (p. 83).

Quando aliados complementadores são precocemente removidos do coração de uma pessoa, “pela força maior ou pela violação maior que está em ação por toda parte na miséria trivial” (SLOTERDIJK, 2016 p. 423), a condição depressivo-melancólica<sup>8</sup> que ditava o tom atmosférico afetivo da existência do rapaz, surge como resposta proferida pelo abandonado e amputado de seus complementadores à atrofia do seu campo psíquico.

Na musicalidade da vida, nos duetos pré-objetivos ou constitutivos de nossa condição (co)subjetiva, a canção é executada sempre em conjunto,

---

<sup>8</sup> Optamos por retomar e utilizar a expressão “condição depressivo-melancólica” pela razão de considerarmos que esta condição já foi precisada ao longo do texto e com o auxílio do personagem. Assim, tendo a classificação ganhado um contexto vivencial, preenchimento e densidade, acreditamos não estarmos mais sob o risco de usá-la de forma superficial ou reducionista.

a execução de um é sempre a execução do outro, e, caso se oculte do sujeito por vir seu parceiro de execução, a música morre nesse mesmo instante, porque nem as peças se distinguiram até chegar a objetividade, nem os instrumentos se cristalizaram até atingir uma tangibilidade autônoma. Pois o indivíduo arrancado aos ensaios não pode continuar tocando sua parte de modo descontextualizado, em qualquer lugar que seja (SLOTTERDIJK, 2016, p. 422).

Então uma teoria psicológica ou, para sermos menos ambiciosos, uma postura clínica-terapêutica sensata dessa relação supõe, portanto, compreender o rapaz de ânimo depressivo-melancólico como um solista a contragosto que, após se encontrar separado do seu aliado constitutivo, ficou sem peça, sem instrumentos e sem exercício capaz de animá-lo (SLOTTERDIJK, 2016).

É correto afirmarmos que no âmbito da psicologia todo cuidado que é oferecido a alguém envolve uma experiência de ressonância. Quando oferecemos a alguém um corpo e uma presença, um acolhimento e uma escuta, nossas tentativas visam o resgate da singularidade do outro. É neste sentido que Sloterdijk, arriscando ressonâncias com o campo psi, sugere que o papel terapêutico consiste em cantar a canção do outro em conjunto, produzir animação (*alma*) numa relação ressonante de encontro de notas musicais. Noutros termos, incorporar a função de aliado substituto, papel muito mais ativo e formador do que supõe o termo psicanálise, pois

não se trata evidentemente de análise, mas de atividade sintética e de imersões e de empréstimos de ser que permanecem invisíveis para a linguagem objetivamente e para a dogmática individualista [da psicanálise vienense]. Assim, se sou um menino psicótico que morde os botões da camisa de um terapeuta, a fim de com eles costurar uma forma possível, então o terapeuta deve se deixar saquear a ponto de possibilitar o êxodo do disforme e dar passagem de migração do sem lugar e do fora para o lugar-dentro (PESSANHA, 2018e, p. 74).

Aos poucos, naquele conjunto musical de notas complementares, naquela produção de intimidade, de mergulhos abissais dentro do rapaz, ele ia mundificando, descobrindo-se e ao mesmo tempo criando a si mesmo, conhecendo seus tons e suas melodias. Sentia-se maravilhoso e dotado de singularidade. O júbilo de poder adentrar. Entrava em estado de confiança. Ah, as delícias de encontrar lugar e a estabilização de um eu. Nem sempre os encontros eram felizes, ninguém se desfaz do próprio vazio, mas pode lapidá-lo até caber no bolso e criar coisas magníficas com ele ao invés de vestir-se ou por ele ser devorado. Não era mais o mesmo corpo que caminhava pelas estações comprimido pela angústia. Sentia-se leve, caminhava relaxado. No caminho até o consultório, entoava alguns cantos como “pequeno perfil

de um cidadão comum” de Belchior. Identificava-se com o personagem mundano. Aprendera a soletrar a dignidade dos identificados com o mundo enquanto se despedia da experiência de ser ruptura e desmoronamento perpétuo. Sua experiência agora, longe de ser um normalizado, abrangia uma noção de ser que permitia a realidade dos deslocamentos, dos fluxos e dos potenciais de locomobilidade. E compreendia que a falta de um eu, em casos de abandonos e estufas implodidas, podem também configurar estados de adoecimento e experiências de sofrimento que obstruem o trânsito de uma vida, colocando sujeitos em posições de vulnerabilidade, buscando se organizar e se desenhar conforme figuras midiáticas que muito tendem a ser instrumentos de captura do sistema capitalista ou até mesmo de regimes fascistas, assim como ideais inalcançáveis de sujeitos de alta performance como numa cultura exploratória neoliberalista em que vive. Como observou Pessanha (2018e), “é mediante as ocupações benévolas que nasce a interioridade, e é com esse povoamento que se ergue um eu, apoiado em seu clube de associados”, já o “menino oco, desfilado e sem apoio, terá de enraizar-se ou ancorar-se mimeticamente a partir dos meios de comunicação e, com esse tipo de organização, encobrir o buraco do *self* negativo” (p. 76).

O clima verânico que o início do mês de novembro apresentava trazia radiância ao espírito do rapaz. Era noite, mas dentro dele era sol. Naquele dia, tinha uma sessão de terapia com sua aliada, excepcionalmente marcada para às dez da noite. Aguardou por alguns minutos o ônibus que não vinha e decidiu caminhar até o consultório. Calculou que a andança daria em torno de meia-hora. O caminho era longo, contudo, o clima era agradável e seu ânimo autorizava o exercício do caminhar. Na primeira quadra, passou por uma jovem que carregava uma bolsa preta. As letras brancas estampadas diziam: “Ler e caminhar podem salvar a sua vida ou te levar para a cadeia”. Ele fechou os olhos e sorriu. Na segunda achou um zé fuleiro que lhe falou de doença e que a sorte nunca chega, estava sem amor e sem dinheiro. Emprestou a ele seus ouvidos e ofereceu seus sentimentos. Mais adiante, na metade do caminho, encontrou o seu Bento, disse que bebeu a noite inteira e se estirou na calçada sem qualquer vontade, esqueceu do compromisso com a mulher: não chegar de madrugada e não beber mais cachaça. Pagou e se arrependeu. E ali mesmo adormeceu. Quase chegando em seu destino, o rapaz cruzou por um corpo, disseram que foi por bobagem, não foi por amor e nem dinheiro, foi por um pandeiro. Parou, olhou e foi embora. Nem ele compreenderia um samba naquela hora. Quando chegou

no destino teve logo seu nome chamado, entrou e disse: hoje eu vim sem saber da vida, querendo aprender a forma de se viver, as coisas estão no mundo só que eu preciso aprender.<sup>9</sup>

## 6.2 Epílogo

Numa época em que sofremos não poucas investidas de movimentos reacionários, é importante salientar que essa almejada identificação com o mundo, assim como o desejo de integração do rapaz em direção a um *self* espontâneo e condizente consigo mesmo, não significa aderir ao positivismo e tampouco abraçar o sistema e suas regras mercadológicas, produzindo em série, seja produção de mercadorias ou a produção de sua própria subjetividade.

Com os mergulhos que fez nas obras de Juliano Pessanha e Peter Sloterdijk, ele compreendera que os bem adaptados do dentro, em vez de encará-los como gente do senso comum ou meros seres alienados, são na verdade aqueles cujo *self* se fortaleceu em virtude de encontros generosos e pela hospitalidade de seus aliados, enquanto os excluídos provêm do desencontro e do abandono e recebem de presente a lente pelas quais enxergam o mundo através do estranhamento (TREVISAN, 2020).

Não se trata, contudo, de uma antipatia arbitrária pela exterioridade, mas da compreensão de que o ser humano floresce na intimidade e corre o risco de definhar na exposição ao exterior. Isso, portanto, não quer dizer um fechamento absoluto para a exterioridade (PESSANHA, 2018e). A relação imunológica das esferas pensada por Sloterdijk segue os mesmos princípios do conceito no campo da biologia, isto é, a imunologia pressupõe sempre a relação de um ser vivo com o exterior. Se um sistema vivo é extremamente fechado ele torna-se fraco pela carência de troca com o exterior, ou seja, não faz trocas com agentes externos que estão entrando nele.

A decisão do rapaz de se positivar, transpor a região negativa do não-lugar para uma inclusividade, não necessariamente se converte em convicções, mas em novas dúvidas. Como dito anteriormente, trata-se de integração, de si e com o mundo,

---

<sup>9</sup> As últimas linhas desse texto, assim como as primeiras, são uma experimentação do autor de incorporar e prosear versos musicais, neste caso, o samba "Coisas do Mundo, Minha Nega" cuja autoria é de Paulinho da Viola. O trecho que finaliza o texto também é inspirado no posfácio do livro "Recusa do não-lugar", escrita por Cláudia Maria de Vasconcellos (2018), onde a escritora arrisca responder à questão de Juliano Pessanha sobre como conferir dignidade ao homem identificado com o mundo utilizando o personagem do respectivo samba, isto é, cantando os pequenos feitos, os modos de criar comunidade e enfrentar os dramas, tragédias e comédias cotidianas. Sem recusar o mundo, mas constatando que ele é mesmo complexo.

uma integração que não se confunde com homogeneização. Seu movimento conduz o desejo de participar dessa comunidade e de cuidar dos outros, respeitando a singularidade de cada um que ressoa no mundo (TREVISAN, 2020). Sua ruptura, agora, é a de um modelo de pensamento negativo, que antes o impelia a dizer “não”, para se aproximar da potência do “sim”, sim à vida e ao mundo. Afinal,

o humano não pertence nem só ao buraco onde não aparece nem ao instituído onde desaparece. Entre o ser domado e não ser se abre a região comovida do agradecimento e do encontro (PESSANHA, 2018d, p. 223).

## 7. CONCLUSÕES FINAIS

Nosso percurso pela intrincada esteira da existência humana nos levou a explorar as profundezas da experiência daqueles que não conseguem se convencer das vantagens de ter nascido e só conseguem vislumbrar a vida com um olhar-abismal. Visitamos os domínios do exterior e do interior e buscamos desvendar a profundidade de experiências que residem além da mera classificação clínica psiquiátrica.

Nessa esteira, Juliano Pessanha empresta sua experiência pessoal para a construção de uma figura estética, oferecendo um testemunho de sua própria travessia do exterior para o interior, em uma busca por preenchimento, determinação existencial e anseio de ter um “eu”.

Sloterdijk, em sua filosofia das esferas, mais precisamente na microesferologia desenvolvida no livro *Bolhas*, defende a importância de encontrar aliados e acompanhantes complementadores para realização do sujeito ao adentrar o mundo, ser recebido com hospitalidade e encontrar aqui ressonância para ser preenchido, adquirir interioridade e poder vir a si de modo espontâneo.

Além disso, apresentamos os cruzamentos realizados por Pessanha (2018e) entre a microesferologia Sloterdijkiana e a psicanálise de Donald Winnicott, arriscando contribuições para a prática clínica contemporânea. A psicanálise Winnicottiana, conforme observou Pessanha (2018e), pensando ao lado de conceitos esferológicos, se desdobra na retomada do vir-a-ser e do amadurecimento do sujeito lá onde este foi interrompido pelos desajustes com as alianças complementadoras nos ambientes que foram insuficientes para a organização do sujeito por vir.

Concluindo que, em determinados casos, é lá onde estancou a continuidade que surgem as organizações defensivas e as patologias.

Portanto, ao apresentar a obra de Pessanha e Sloterdijk no campo da psicologia, a fim de abordar uma possível terapêutica para quadros de ânimo depressivo-melancólico, esperamos que a comunidade psi possa se beneficiar estando atenta aos processos esferológicos e aos acontecimentos mediais de animação. Assim, explorando o poder teórico e prático dessa filosofia para construção de uma clínica que se paute na primazia do cuidado, onde a(o) profissional, emprestando seu corpo (e suas feridas), sirvam como acompanhante complementar e estabeleçam conexões de ressonância numa imersão profunda na ambiência do outro. Pois no âmbito da psicologia todo cuidado que é oferecido a uma pessoa envolve uma experiência de ressonância. E quando oferecemos a alguém um corpo e uma presença, um acolhimento e uma escuta implicada, nossas tentativas visam o resgate ou a produção da singularidade do outro. Distanciando-se, assim, da figura do psicólogo-engenheiro já mencionada antes, que tende a tratar os sujeitos com um olhar caçador de diagnósticos, fixando sua terapêutica na doença e na adaptabilidade do paciente, forma reducionista que esquece o humano por trás dos seus sintomas e suas bases orgânicas. Portanto, nem esvaziar o sujeito e tampouco consertá-lo. Ressoar *com* ele.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CIORAN, Emil. **Do Inconveniente de ter nascido**. Trad. Manuel de Freitas. Lisboa: Letra Livre, 2010.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo, SP: Editora 34, 1992.

PESSANHA, Juliano. **Sabedoria do Nunca**. in: Testemunho Transiente. São Paulo: SESI-SP editora, 2018a.

PESSANHA, Juliano. **Ignorância do Sempre**. in: Testemunho Transiente. São Paulo: SESI-SP editora, 2018b.

PESSANHA, Juliano. **Certeza do Agora**. in: Testemunho Transiente. São Paulo: SESI-SP editora, 2018c.

PESSANHA, Juliano. **Instabilidade Perpétua**. in: Testemunho Transiente. São Paulo: SESI-SP editora, 2018d.

PESSANHA, Juliano. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Ubu editora, 2018e.

KAFKA, Franz. **Contemplação e O Foguista**. São Paulo: Companhia das letras, 1999, p. 28-29.

REZENDE, Renato. **Auréola**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2013.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I: Bolhas**. trad. José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SLOTERDIJK, Peter. **Tens de Mudar de Vida: sobre a antropotécnica**. trad. Carlos Leite. Lisboa: Relógio D'água editores, 2018.

SLOTERDIJK, Peter. **Pós-Deus**. trad. M.A. Hediger. Petrópolis: Vozes, 2019.

TREVIZAN, S. A. C. Juliano Garcia Pessanha, o motorista do acostamento. **Scripta**, v. 24, n. 52, p. 534-542, 18 dez. 2020.

VASCONCELLOS, Cláudia. **As coisas que estão no mundo**. In: Juliano Garcia Pessanha: Recusa do não-lugar. São Paulo: Ubu editora, 2018, p.169-175.

WINNICOTT, Donald. **As mães e seus bebês**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WINNICOTT, Donald. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

NUP: 23081.159988/2023-60

Prioridade: Normal

Homologação de ata de defesa de TCC e estágio de graduação  
125.322 - Bancas examinadoras de TCC: indicação e atuação

### COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
17	Trabalho de Conclusão de Curso	TCC - Rafael Dorneles Neves.pdf

### Assinaturas

22/01/2024 08:57:29

RAFAEL DORNELES NEVES (Aluno de Graduação - Aluno Regular)  
06.09.12.01.0.0 - Psicologia - 18391



Código Verificador: 3760642

Código CRC: 75a2a338

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

